

MISERERE NOBIS: PECADO, CULPA E DESEJO NA POÉTICA DRUMMONDIANA

Roni Macedo CURIMBUCCI
Licenciado em Letras/CUIFELUPA

Resumo: O texto é parte de um Trabalho de Conclusão de Curso que analisa temas das mais irremediáveis e prementes questões do vasto mundo poético drummondiano: a existência. Emergindo do conflituoso contato entre os valores familiares tradicionais e a inevitável descoberta das pulsões que delimitam a condição humana, colocam-se em xeque as antiquadas formas de pensar. Em Drummond, o exercício do desejo é visto sob uma ótica mais natural e rompe com a hipocrisia travestida de moralismo. Remete-se toda a culpa imposta e evidencia-se a busca de conciliação entre lutas que se travam no interior do próprio homem. Focalizando o modo como aparecem as noções de culpa, pecado e desejo, em Drummond, vemos revelado que o coração no que existe de mais carnal pode até ser sangrento e sombrio, mas também pode levar à transcendência e à redenção.

Dor e desejo percorrem caminhos paralelos. A história da humanidade é repleta de ilustrações impiedosamente didáticas. Desde o momento em que provaram do “fruto proibido”, Adão e Eva tornaram-se conhecedores do bem e do mal, mas também tiveram que arcar com o preço de suas transgressões. À expulsão do paraíso, soma-se a necessidade de perpétua expiação por parte de seus descendentes. Essa metáfora é quem melhor sintetiza o ideal ascético Judaico-cristão que, por meio da imposição do sentimento de culpa e pecado, busca amputar os instintos mais comuns de nossa humana condição. Filósofos, líderes religiosos e artistas têm se lançado ao incessante desafio de compreender e explicar tais dilemas, no intento de tornar a existência menos absurda, mais suportável. Drummond levanta a bandeira da liberdade e da consciência individual, apoiando-se no pensamento de que o homem é um projeto de si mesmo. A crença na possibilidade que o homem possui de orientar suas ações e desejos no sentido que lhe convém o levam a

recusar os valores impostos pela tradição, em busca de um viver mais autêntico e verdadeiramente humanizado.

O presente trabalho se detém na análise de cinco poemas: *Os dois vigários*, *Sentimento de Pecado*, *Ele*, *Caridade* e *Mão suja*, nos quais estão claramente refletidos os aspectos mencionados. Bem mais do que pontos de vista, pode-se tomá-los como inspiração.

Na poética drummondiana, o entrelaçamento de culpa, desejo e pecado adquire relevantes contornos e aponta influências da severa educação religiosa inculcada ainda na infância. A expulsão do colégio Anchieta, pertencente à Companhia de Jesus, por “insubordinação mental”, aos 17 anos, será refletida sob a forma de um anticlericalismo primário, manifestado, principalmente, contra o dogmatismo da “Santa Igreja Católica”.

Em *Os dois vigários*, o contraste entre o conservadorismo doutrinário e o libertinismo encoberto pelas cortinas da hierarquia estampa-se nas caracterizações de Padre Júlio e Padre Olímpio. Enquanto este personifica o moralismo cristão, aquele simboliza a luxúria e a recusa de todas as interdições inerentes ao cargo:

*Padre Olímpio bendizia,
Padre Júlio fornicava.*

.....
*Padre Júlio em seu jardim
colhia flor e mulher
num contentamento imundo,
Padre Olímpio suspirava,
Padre Júlio blasfemava.*

.....
*E Padre Júlio oficiava
como oficia um demônio
sem que o escândalo erguêsse
a santidade do ofício.
Padre Olímpio se doía,
muito se mortificava.*

O episódio da morte na mesma noite (V. 86) suspende o distanciamento ressaltado nos versos anteriores:

*Padres Olímpio, Padre Júlio
igualmente de tomaram:
Onde o vício, onde a virtude,
Ninguém mais o demarcava.*

Os paradoxos, sobre os quais se construiu a convivência dos sacerdotes, dissolvem-se na imparcialidade do ventre mineral:

*Enterrados lado a lado
irmanados confundidos,
dos dois padres consumidos
júlioolímpio em terra neutra
uma flor nasce monóxona
que até hoje não se sabe*

.....
*se é de compaixão divina
ou divina indiferença.*

A eroticidade, nesse contexto, não está centrada no corpo, constituindo-se mero pano de fundo para a produção crítico-discursiva. As imagens dicotômicas, que progressivamente confluem para a total descompartmentalização, são retratos de uma instituição, que, seguindo o curso de putrefação dos corpos sacerdotais, torna-se cada vez mais decadente e ambígua, onde vício e virtude são faces de uma só moeda.

A figura de "Padre Olímpio" reaparecerá em *Sentimento de Pecado* e novamente personificará o dogmatismo e o conservadorismo clerical. O eu-poético reconhece ser subordinado aos irrefreáveis fluxos do desejo. A impossibilidade de desvencilhar-se desse sentimento é um fator gerador de culpa:

*Pecar, eu peço todo santo dia,
Às vezes mais. Outras nem tanto,
Mas sempre a roulna, na consciência,
visão de inferno, crepitante,
subintensa aos atos, aos lugares.*

Os vocábulos "pecado", "inferno", "diabo", "arrependimento", "inquisição" e outras palavras afins apontam 26 incidências ao longo do poema. Essa insólita concatenação na qual o "eu" se encontra aprisio-

nado, embora esteja revestida de traços oníricos, salientados pelo fluxo delirante do discurso, não dilui as marcas do real, frente ao qual o poeta se posiciona acidentalmente crítico:

Válha tão pouco, eu!

.....
*Meu Deus, terci pecado
à alma dos inquisidores,
eu não me desprezar, incompetente?*

A repetição insistente do trajeto expiação-pecado remete-nos de imediato à idéia de desistência dos valores religiosos. Os vestígios do sentimento de culpa, todavia, surgirão na interrogação em que o “eu” explicita a angústia de ter que optar entre a fê e a razão, entre a espiritualidade e o desejo. A reminiscência do espírito barroco é flagrante quando o eu-poético questiona a compaixão divina em sua condição de ser onisciente. Frente à previsibilidade do impulso carnal, não deveria Deus de intervir? O foco discursivo recai sobre a fragilidade humana diante da “tentação”. Ser livre, nessas condições, é quase uma condenação:

*Meu Deus, por que me abandonaste
se sabias que eu não era Deus
se sabias que eu era fraco”.*
(Alguns poemas, 1930)

A paráfrase das palavras proferidas por Jesus Cristo na cruz (“pai, por que me abandonaste?”) radicaliza o sentimento de impotência. A solidariedade retórica afirma o irreversível “fracasso” do sujeito que progressivamente escapa à manipulação externa para vivenciar uma dimensão mais ampla da experiência humana.

De modo ainda mais contundente, o questionamento da onisciência divina também se faz presente em *Ele*. Reforça-se aqui a contradição tecida pelo enlace entre liberdade e condenação:

*Ele vê, ele sabe,
castiga depois.*

.....
No escuro me vê

*e me assinala.
No claro me deixo sozinho
sem um sinal, um só
que me previna.*

.....
*Só agora percebo
que condenado fui
a fazer e provar
a pena interior.
Seu nome (e tremor) é Deus do catecismo.*

O último verso elucida a face mediadora de seus conflitos. A assimilação crítica de Deus tirano criado pela igreja ("Deus do catecismo") assinala a diluição do torpor religioso e a passagem para um discurso pautado pela valorização vertical do prazer.

Em *Castidade*, desfazem-se as reações conflitantes geradas pela relação carnal. A consciência do pecado já não aparece associada à tensão, seguindo agora o caminho da dispersão:

*Não me arrependo do pecado triste
que sujou minha carne, sujou toda a carne.
O caminho é tão claro, a estrada tão larga,
os dois brilham tanto que me apago neles*

A eroticidade reveste-se de aspectos transcendentais. Dentro dessa nova ótica, o perdão opera-se na subjetividade do eu-poético, suspendendo o tangenciamento de elementos externos:

*Pecarei com humildade, serei vil e pobre,
terei pena de mim e me perdarei.*

O despudoramento contido substitui o incômodo existencial que caracteriza os poemas referidos anteriormente. A incidência do vocábulo "estrela" – cinco vezes no decorrer do poema – patenteia a nova visão sobre o sexo. Símbolo da perfeição e da anunciação das vontades de Deus, a estrela instaura no poema uma dimensão mítica. Extrapolando os limites da corporeidade, as experiências erótico-afetivas fundam a possibilidade não apenas do encontro com o outro, mas também do reencontro consigo mesmo.

Além de ter se debruçado sobre os diferentes matizes que definem o relacionamento entre dois indivíduos, Carlos Drummond dedicou um poema ao auto-erotismo. O título do poema, *A mão suja*, correlaciona-se com a etimologia do termo "masturbação" (do latim, *manu* = mão; e *stupare* = sujar) e já aponta para um discurso que se desprende da referencialidade, concentrando-se em um universo imagético metafórico:

*Mãua mão está suja,
Preciso cortá-la.
Não adianta lavar
A água está pobre,
Nem ensaboar
O sabão é ruim.
A mão está suja,
Suja há muitos anos.*

A continuidade da analogia entre a falta de assepsia e o ato masturbatório salienta concepções florescidas, principalmente na Idade Média, nos ambientes eclesiásticos, sendo rechaçadas em diversos momentos pelo moralismo disfarçado de ciência. Em 1770, por exemplo, o médico Suíço Tissot publicou um livro no qual citava as "doenças" que poderiam ser causadas pela masturbação, entre as quais: "..., entre as quais tuberculose, epilepsia, cegueira, loucura, gonorréia, hemorróida e lesbianismo".

O que sempre esteve oculto nesse rigor condenatório, todavia, é o princípio aceito pelas grandes tradições religiosas de que a masturbação não serve à perpetuação da espécie humana, constituindo-se mera forma egoísta de satisfazer os impulsos da libido. Não obstante às teorias de Alfred Kinsey e Freud, o auto-erotismo ainda permaneceu visto por muito tempo como fonte de vergonha, culpa e pecado. Drummond transfere para as palavras esses mesmos sentimentos:

*A mão escondida
no corpo espalhava
seu escuro rastro.
E só que era igual
usá-la ou guardá-la
o olho em mim só.*

A penúltima estrofe concentra caracterizações que se enlaçam ao vocábulo "sujo":

*E era um sujo vil,
não sujo de terra,
sujo de carvão,
casca de ferida,
suor da camisa
de quem trabalhou.
Era um triste sujo
feito de doença
e de mortal desgosto
na pele enfiada.*

A intensificação dos aspectos "impuros" do ato masturbatório assinala por contraste o ideal de depuração que emergirá de forma mais contundente na última estrofe:

*Inútil ter
a ignábil mão suja
posta sobre a mesa.
Depressa, cortá-la,
fazê-la em pedaços
e jogá-la ao mar!*

Pode-se tecer uma analogia entre esses trechos e a admoestação de Jesus Cristo:

Se a tua mão ou o teu pé te faz tropeçar, corta-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida manco ou aleijado do que tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno (Bíblia Sagrada, Mateus 18:8).

A imagem do mar cristaliza o ideal moral asséptico. Optando pela mortificação do desejo, ideal absoluto do código de conduta cristão, o eu-poético revela aparente submissão passiva aos preceitos socialmente impostos:

*Com o tempo, a experiência
e seus maquinismos,
entra mão e irá.*

O texto que de imediato nos remete a um caráter alienado, todavia, é apenas uma simulação. O tom confessional é mera estratégia discursiva. Sob a aparência da submissão estão implícitos gritos de indignação e a consciência de que, ainda que seja preciso pagar um alto preço para vivenciar o sexo em todas as suas nuances, sempre valerá a pena.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERONI, Francesco. *O erótico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- ANDRADE, Carlos Drummond de et al. *Para gostar de ler: crônicas*. São Paulo: Ática, 1978. v. 3.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova Reunião: 19 livros de poesia*. Brasília: J. Olympio, 1983. v.1 e 2
- CHEVALIER, Jean et al. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- DURIGAN, Jesus Antônio. *Erótico e Literatura*. São Paulo: Ática, 1986.
- PY, Fernando. *Bibliografia comentada de Carlos Drummond Andrade (1918-1930)*. Brasília: José Olympio; Fundação Casa de Rui Barbosa; INL, 1980.